

**LETRAS** Várias capitais realizam eventos para lembrar a escritora, que faria hoje 91 anos

# A densidade de uma obra que perdura: é dia e hora de Clarice

**PATRÍCIA MOREIRA**

Um menino de 13 anos apura a vista para identificar o que a mãe está lendo: "É Clarice Lispector? Ela é complexa. Faz pensar". Ele havia lido um texto de Clarice na escola. Quem já se deparou com a arte de escrever da autora sabe bem o que o adolescente quis expressar. O mínimo que se pode dizer é que ela vai fundo na narrativa em busca de uma essência que mergulha e ao mesmo tempo transcede a intimidade do ser.

É com o intuito de revelar a quem ainda não teve o prazer de passar alguns bons momentos com Clarice Lispector que a Editora Rocco acabou de lançar *Clarice na Cabeceira – Romances*, uma coletânea com fragmentos de seus nove romances. A seleção complementa outras duas anteriores dedicadas à escritora *Clarice na Cabeceira – Contos* e *Clarice na Cabeceira – Crônicas*, nesta última, diferentes personalidades apresentam seus textos favoritos da autora.

A nova seleção chega às livrarias num momento em que se comemoram os 91 anos de nascimento de Clarice, que seriam completados hoje caso ela estivesse viva. Para marcar a data, vários eventos estão previstos no Rio de Janeiro, em São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife e Curitiba, numa programação batizada de *A Hora de Clarice* ([www.claricelispector.com.br](http://www.claricelispector.com.br)), organizada pela editora Rocco, da qual a Bahia, infelizmente, ficou de fora. A proposta é que *A Hora de Clarice* torne-se uma data anual, o que nos faz esperar que, um dia, ela chegue a Salvador.

Mas Clarice vive, e sua obra, que nos últimos cinco anos tem recebido uma especial atenção, principalmente diante da comemoração dos seus 90 anos de nascimento, em 2010, vai renascendo graças ao surgimento de novos leitores que se deixam fisgar por esta que é considerada uma das maiores romancistas brasileiras do século 20. É isso que busca o escritor, jornalista e crítico literário José Castello, organizador da coletânea de romances: apresentar o essencial da obra da escritora.

Ele traz o olhar ao mesmo tempo especializado e sensível do jornalista ao introduzir cada um dos romances numa breve análise do lugar daquele livro no universo da escritora em sua relação de amor diante de "A Coisa", como a escritora caracterizava o papel, o lugar ou o quanto era impalpável para ela a literatura.

**Coletânea**

*Clarice na Cabeceira* reproduz a ordem cronológica da publicação dos romances da autora,

com *Perto do Coração Selvagem* abrindo a seleção, seguido de *O Lustre*, *A Cidade Sitiada*, *A Maçã no Escuro*, *A Paixão Segundo G.H.*, *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*, *Água Viva*, *A Hora da Estrela* e *Um Sopro de Vida*.

Se eles permitem uma percepção de quem foi Clarice, também deixam a sensação de "quero muito mais" ao final da leitura de cada capítulo. O que, aliás, diante a experiência perturbadora e instigante que é ler Clarice, é algo natural. Ninguém sai ileso ou é o mesmo ao final de uma obra da escritora, que tem como maior dom o de nos revirar por dentro. Ninguém que lê Clarice consegue aceitar com resignação que aquele mergulho no universo interior, aquela escrita que vem de dentro para fora e que retorna de fora para dentro chegou ao fim.

CLARICE NA CABECEIRA - ROMANCES / CLARICE LISPECTOR



Rocco / 272 páginas / R\$ 35 / [rocco.com.br](http://rocco.com.br)



COMO NASCERAM AS ESTRELAS - DOZE LENDAS BRASILEIRAS / CLARICE LISPECTOR



Rocco / 80 p. / R\$ 28 / [www.rocco.com.br](http://www.rocco.com.br)



Clarice Lispector escreveu oito romances ao longo de sua vida, que estão reunidos na nova coletânea

## Romances da escritora vão ao encontro do lado sensorial dos personagens

Escrevia como ninguém e possuía um modo repentino de ordenar suas histórias e combinar as palavras. Para Clarice Lispector, não importava se fosse urgente e necessário acordar no meio da noite para fazer anotações: nada era mais importante do que escrever.

Colocava a máquina de escrever no colo, se preciso fosse. Tudo para não se separar de suas ideias. Era quase como se fosse impossível atingir o silêncio, como se aniasse colocar-se no vazio onde tudo acontece, especialmente a percepção da plenitude.

Deixava transparecer sua fragilidade em frases como esta, do livro *A Hora da Estrela*: "Meu Deus, só agora me lembrei que a gente morre. Mas – mas eu também?". Dona de um estilo literário sem igual, foi considerada, à época do primeiro romance publicado, *Perto do Coração Selvagem*, em 1944, algo novo nas letras, pois seu trabalho quebraria padrões literários ao ir fundo nos personagens, perscrutando-os como quem toca profundamente as feridas impossíveis de curar.

Era uma silenciosa perfeccionista. Redigiu oito versões de *A*

*Maçã no Escuro*, ao tempo em que trabalhava nos contos de *Laços de Família*. Considerava *Cidade Sitiada* o livro que lhe foi mais difícil de escrever, tanto quanto *Água Viva*, de penosa elaboração.

Os romances de Clarice vão ao encontro do subjetivo, incursionando pelo lado sensorial dos personagens, de dentro para fora. Por isso, resgatar a memória dessa excepcional escritora, cuja escrita forte e instigante deu à literatura um âmbito universal, é sempre um prazer.

REGINA DE SÁ

## Todos os meses com Clarice

**Regina de Sá**

Editora  
[rdesa@grupoatarde.com.br](mailto:rdesa@grupoatarde.com.br)

De janeiro a dezembro, para todos os meses do ano, a menina Clarice tem uma história curiosa para contar. "Aconteceu uma coisa que só acontece quando a gente acredita", escreve Clarice Lispector em *Como Nasceram as Estrelas – Doze Lendas Brasileiras*. Trata-se de uma bem-bolada reunião de historinhas infantojuvenis que a autora criou para cada mês do ano. Foi um trabalho encomendado pela fábrica de brinquedos Estrela, em

1977, para ser publicado no ano seguinte.

Ela descreve paisagens e personagens que povoam o folclore nacional, deixando claro que o gostoso da vida, quando se é criança, é viver bem a infância, e, para cada mês do ano, um belo de um *causo* curioso.

Para o mês de janeiro, Clarice cochicha para o pequeno leitor: "Vou contar a história singela do nascimento das estrelas".

A natureza está muito presente nas histórias e, se é festa, fevereiro é o mês. A autora resgata antigas lendas e sempre lança um pensamento no final, como quem alerta: nem sempre tudo que se conta ou se sabe tem

final feliz. É para pensar sobre a importância das coisas. Até Pedro Malazarte apronta, e logo no mês de abril.

Para o mês de maio, no profundo das águas, Yara "convida" com seu canto doce o índio tapuia, mas ela alerta: "Essa história não admite brincadeiras. Que se cuidem certos homens". E assim, mês a mês, vão surgindo histórias alusivas a uma data festiva, ao dia das crianças, ao nascimento de Jesus. É assim que a menina Clarice também se faz presente. E, parafraseando a autora, dá até para dizer: moral da história: mais vale ter Clarice na estante do que abrir o Google e copiar uma frase dela.